

## POR UMA GEOPOÉTICA DA EXPRESSÃO AMAZÔNICA: UM OLHAR SOBRE A LITERATURA NO PARÁ

Paulo Nunes\*

*Para José Guilherme de O. Castro, o primeiro professor de  
Literatura Paraense na UFPA, um dos iniciadores de tudo.*

*O poema me habita  
me mora  
em contornos afiados.  
Até que arda  
ao mundo lançado.*

*(Roseli Souza, "Casa", de Lâmina nos olhos)*

### RESUMO

Propõe-se aqui uma geopoética como reflexão a respeito da literatura brasileira de expressão amazônica produzida no Pará, nos séculos XX e XXI. Trata-se de uma reflexão contextual, fruto de análise bibliográfica e relato de experiência acerca da literatura como sistema social baseado em Candido (1964). Caracterizamos a literatura e pensamos-la como manifestações a partir de polos geoculturais do Pará.

**Palavras-chave:** Literatura de expressão amazônica. Amazônia. Caracterização. Polos literários. Pará.

### FOR A GEOPOETIC OF AMAZON EXPRESSION: A LOOK AT THE LITERATURE IN PARÁ

### ABSTRACT

Here, a geopoetic is proposed as a reflection on the Brazilian literature of Amazon expression produced in Pará, in the 20th and 21st centuries. It is a contextual reflection, the result of a bibliographic analysis and an experience report about literature as a social system based on Candido (1964). We characterize the literature and think of it as manifestations from the geo-cultural centers of Pará.

**Keywords:** Amazon expression literature. Amazon. Characterization. Literary centers. Pará.

### POR UNA GEOPOÉTICA DE LA EXPRESIÓN AMAZÓNICA: UNA MIRADA SOBRE LA LITERATURA EN EL PARÁ

### RESUMEN

Se propone aquí una geopoética como reflexión sobre la literatura brasileña de expresión amazónica producida en el Pará, en los siglos XX y XXI. Es una reflexión contextual, resultado del análisis bibliográfico y relato de experiencia sobre la literatura como sistema social por medio de Cándido (1964). Caracterizamos la literatura y la pensamos como manifestaciones de los polos geoculturales del Pará.

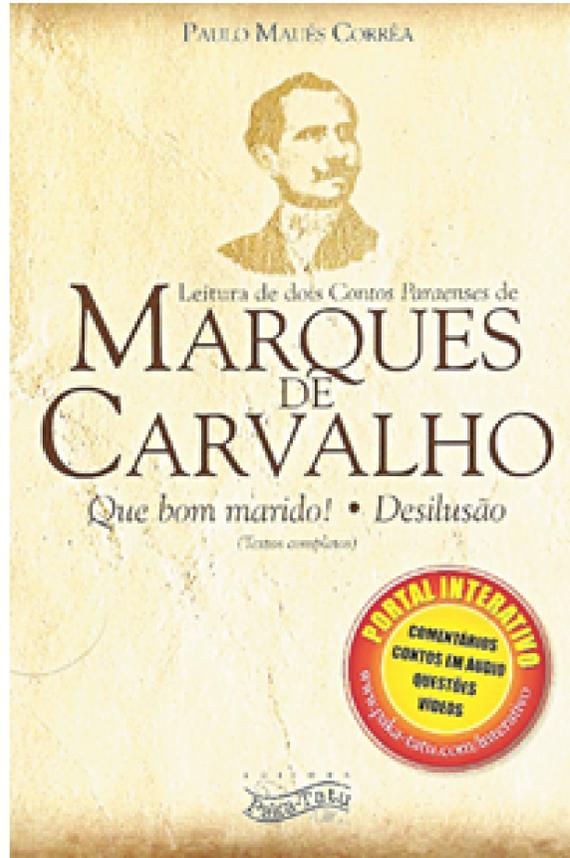
**Palabras-clave:** Literatura de expresión amazónica. Amazonia. Descripción. Polos literarios. Pará.

---

\*Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) e do curso de Letras da Universidade da Amazônia (UNAMA). Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Integra os Grupos de Pesquisa e Estudos Narramazônia: narrativas contemporâneas na Amazônia Paraense (UFPA/UNAMA), Academia do Peixe Frito (UNAMA/ UFPA), CUMA Imaginário amazônico (UEPA) e Makunaíma: literatura latino-americana (UFPA).  
Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7238-702X>  
E-mail: [pontedogalo3@gmail.com](mailto:pontedogalo3@gmail.com)

## 1 LITERATURA: PREPARA-SE O SOLO DE UMA TERRA CHÃ

Figura 1 - Livro interativo: Marquês de Carvalho, visto pelo professor Paulo Maués Corrêa, um dos mais brilhantes estudiosos de nossa literatura.



Fonte: Um dos mais brilhantes estudos de nossa ensaística contemporânea. Paka-Tatu. Disponível em: <http://www.pakatatu.com.br>. Acesso em: 12 maio 2021.

Este texto talvez devesse caracterizar-se como um relato de experiência estrito senso, mas é, na verdade, resultado da ação de uma vida de quase 30 anos voltada ao ensino da literatura, pouco campo antropológico, alguma leitura textual e pesquisa bibliográfica a mancha. Apresento-lhes, desta feita, um texto que, panoramicamente, volta-se a autores e autoras que não passaram incólumes por mim nos séculos XX e XXI. Não tenho, no entanto, a pretensão de esgotar o assunto ou tratar de todos os autores/autoras do/no Pará, pois são muitos/as e valorosos/as. Liste uns poucos, e me ocupo dos que chegaram a minhas mãos, visto que em relação aos que estão produzindo hoje, nem todos eu tive a oportunidade de conhecer. Minha intenção aqui é a de tão somente contribuir para uma reflexão e melhor entendimento da literatura brasileira produzida no Pará. Que se amplie o debate, a partir da reflexão de pesquisadores e pesquisadoras de outras Instituições de Ensino Superior (ressalte-se que a crítica tradicional contemporânea desapareceu quase que por completo dos jornais, exceto, pela militância e teimosia de Elias Ribeiro Pinto no **Diário do Pará**), sobretudo os que atuam nos cursos de Letras e nos programas de pós-graduação (*lato senso e stricto senso*) que têm formado, com esmero, gerações de competentes estudiosos.

Antes de avançarmos em nosso percurso, preciso recorrer a Leyla Perrone-Moisés (2016) que cita Iuri Tynianov para discutir a literatura e seu legado social. Diz Perrone-Moisés:

Para Tynianov, toda definição de literatura que busque seus traços essenciais se choca com “o fato literário vivo”. A evolução da literatura não é regular, mas ocorre por saltos, por deslocamento e não por desenvolvimento. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 28).

O que se lê acima deixa claro que, embora eu organize didaticamente, uma aparente sequenciação da nossa literatura, o faço por “saltos e deslocamentos” e não através de uma linha do tempo sucessiva, livre de conflitos e de tensões, linhas por vezes obtusas e fragmentadas. Dito isto, sigamos.

Parte de minhas reflexões baseia-se na ideia de Antonio Candido (1964), de que a literatura é um sistema social referendado pelos leitores. Apesar da polêmica que isto pode causar, enfatizo no argumento de Candido o que mais me chama atenção e serve para este artigo: um texto não nasce literário, mas se faz literário pelas mãos de quem o lê, o que significa que a recepção é sempre fundamental para o sistema literário. Assim é que, leitor que sou, proponho a organização de um painel geoliterário (talvez uma geopoética), ressaltando nele aspectos característicos e polos de difusão deste sistema de representação que se insere, graças à sua amazonicidade, na literatura brasileira de expressão amazônica. Ressalto também que, hoje, fujo, como o diabo foge da cruz, da pecha exógena, que nos qualifica como “literatura regional”. Taxar a literatura que produzida no Norte como regionalista configura um modo simplista e hierarquizante, inventado pelos sudestinos, sobretudo, de São Paulo e do Rio de Janeiro, para diminuir, no cenário brasileiro, a importância da literatura produzida na Amazônia.

## 2 CLASSIFICAR PARA MELHOR ENTENDER: AÇÃO EXCESSIVAMENTE DIDÁTICA?

Surgia outra manhã do mundo, quando essa estória, que traz a receita sobre como fazer borboletas, também nascia na cabeça de um teimoso menino que, igual a ninguém, ama desvendar mistérios (SOUZA, 2018, p. 10)

Creio que precisamos reafirmar que o bom entendimento da literatura produzida no Norte passa, dentre outras coisas, por perceber algumas de suas características marcantes, que nos singularizam, como enunciação estética, decorrente de processos históricos e políticos. Claro está que este emaranhado de traços e marcações temáticas não se esgota aqui; não tenho, volto a dizer, a pretensão de ser uma palavra inquestionável. Viva a polêmica.

Abaixo seguem as características sobre a literatura brasileira de expressão amazônica, criada no Pará, por paraenses nascidos ou não no estado. O critério que fica é o da tematização dos textos. Assim consideramos coerente abordar tanto o gaúcho Raul Bopp e o maranhense De Campos Ribeiro quanto a belenense Eneida.

A) O INSULAMENTO/ILHAMENTO: se há uma característica que marca nossa expressão literária como um sistema de signos e metáforas, esta característica é o **insulamento**; desde os tempos do Império brasileiro, a Amazônia, antes Província do Grão-Pará e Maranhão, sofre com este **ilhamento** em relação à Província do Brasil. Os que imaginávamos que isto terminasse com a chegada da República, “demos com os burros n’água”, pois não existe um pacto federativo como propalado pelas instâncias governativas que dê uniformidade de importância a todos os Estados federados. Nossos literatos e literatas têm de fazer um esforço de superação para que sua arte seja (re)conhecida além-fronteiras da região Norte. Se os artistas não se mudarem para o eixo SP/RJ, dificilmente seus trabalhos irão ecoar.

Todo esforço para superar o insulamento amazônico é necessário, e urgente. Precisamos ver concretizadas, por parte de instâncias federais, estaduais e municipais, políticas públicas (hoje quase inexistentes), voltadas para o livro e a leitura. Além dos seminários de estudos, e das feiras de livros, são bem vindas ações como a confecção de antologias e livros coletivos acabam por colaborar para derrubar

fronteiras e, deste modo, instituir limiares ou entre lugares de discurso na literatura diversificada que o Brasil produz na contemporaneidade. Em suma, a Amazônia não pode estar apartada de um esforço que referende e faça publicar e circular a literatura produzida por mulheres e homens.

B) RIOS/FLORESTAS nos atravessam: outra característica que salta aos olhos de quem se debruça sobre autores amazônidas, pelo menos até o séc. XX, é a presença quase constante do binômio temático rios/florestas; mesmo em textos vinculados ao cenário urbano – como o poema de Paes Loureiro, Eneida e Wanda Monteiro, por exemplo, e a prosa de Inglês de Sousa, Dalcídio Jurandir, Benedicto Monteiro ou a de Nicodemos Sena[1], por exemplo, são pautadas pela força dos rios e florestas. A diferença aqui é que os sujeitos da ação são as pessoas, os seres humanos. Nada de destacar somente a selva como solidão e abandono. Os dramas humanos representados na literatura espantam o fantasma do exotismo que querem impor aos amazônidas, e, conseqüentemente, à literatura produzida na região como “regionalista”. Abaixo, um exemplo que já considero clássico:

Eu sabia que o lago era um rio e que muito longe, por mais longe que estivesse, estavam as duas margens. Já tinha viajado muitos rios e andado muitas noites, sempre essas duas margens. De longe paresque elas me vigiavam (...)

Depois que vi que a água, a noite e o céu estavam por todos os lados, compreendi que as duas margens, nessas horas, deviam de estar pra muito além dos horizontes...

Todos os verdes e todas as cores se resumiram naquela praia. E não tinha princípio nem fim: era uma distância. Era paresque também uma margem... mas uma outra margem  
(MONTEIRO, 1991, p. 188-9).

C) NÃO AO EXÓTICO, ABAIXO O ESTEREÓTIPO: a literatura de expressão amazônica (aqueles que a produzem) repele os estereótipos – de que está exaurida –, que a caracterizam como **literatura regionalista, espaço da solidão e da não-inteligência; ou espaço de representação do ambiente de supremacia idílica em que o indígena convive em paz – aurea mediocritas nativa – com os animais e plantas**. Em suma, não é possível aceitar passivamente esta reiterativa ideologia colonialista interna do Brasil, que nos diminui como região produtora de pensamento e prazer estético-literário, já ouvi inclusive o espanto incabível: “O quê? E lá existe escritor bom?”. Reafirme-se a ideia de que a Amazônia é, ao mesmo tempo, espaço de mitos e deslendas[2]. E os conflitos atravessam nossos cotidianos estão relacionados à grilagem, assassinato de indígenas e posseiros pelo latifúndio, tráfico de pessoas[3], exploração sexual e exploração do menor, falta de saneamento básico, assassinatos nas periferias de Belém e outros grandes centros, entre outras temáticas. Basta ver uma literatura como a Ademir Braz, Charles Trocate, Airtton Souza, Shaira Josy Mana, Roberta Tavares, Preto Michel, Monique Malcher, Isadora Salazar, entre outros. Atentemos para o sensual que desvela o eu-lírico de Telma Cunha:

[1] Dalcídio, Benedicto e Nicodemos são autores de uma narrativa fortemente contextual; tratam-se de textos de temática amazônica que abordam com profundidade os dramas humanos de personagens que interagem ou confrontam-se com a natureza, não no sentido exatamente colonialista de destruição e expropriação econômica em conformidade com o capital. O humano e a natureza nestes autores formam um todo inseparável; destruir a natureza é acabar com a humanidade dos personagens destes escritores.

[2] Obra exemplar que confirma esta afirmativa é a trilogia poética de Paes Loureiro: **Porantim** (antes da chegada do invasor europeu), **Deslendario** (o invasor avança e violenta a terra e sua gente) e **Altar em Chamas** (os dramas da Amazônia urbana).

[3] Necessário se ler o excelente **Pssica**, de Edyr Augusto Proença.

Quero  
perpe(ta)tuar  
em cada poro  
em cada poro  
da tua pele  
as minhas

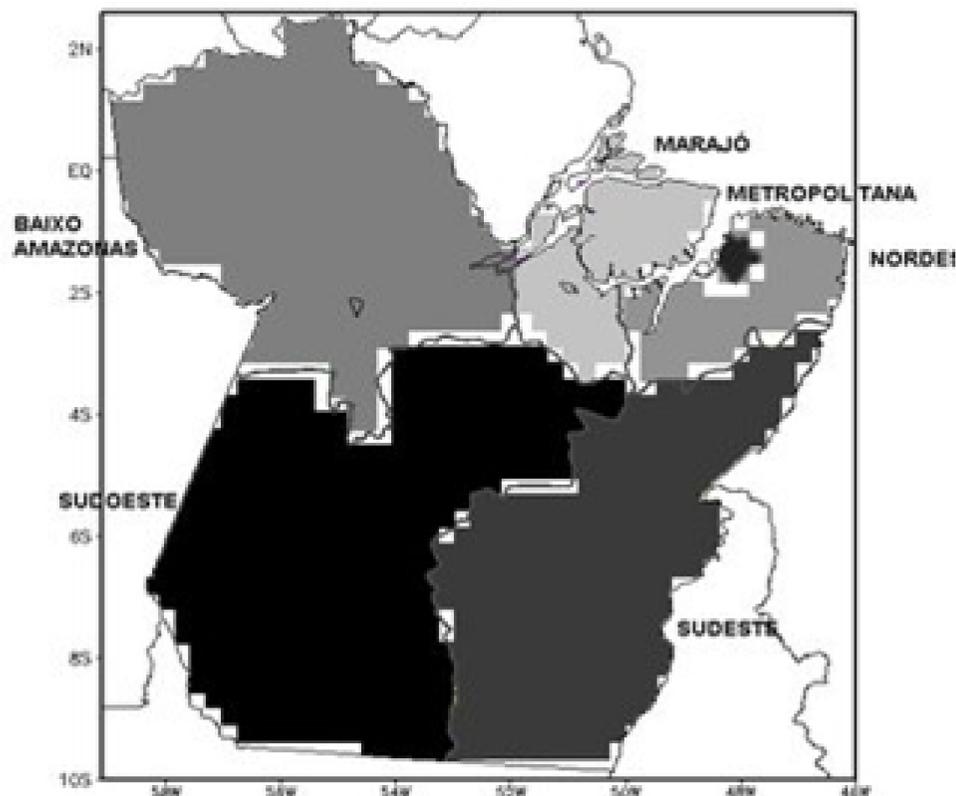
DIGITAIS

(CUNHA, 2016, p. 21).

D) PARA ALÉM DA MESMICE, O EU SOMOS NÓS?: Desde o **século XX a literatura, senão toda, parte dela, passa a encampar a defesa da diversidade etnicocultural**. Esta tendência amplia-se no século XXI a partir da abertura de um leque das pluralidades de gênero e transgêneros. Aqui, é necessário ressaltar que falo a partir de minha vivência de leitor em Belém. Dito isto não posso deixar de falar que, em relação a questão etnicocultural, precisamos nos referir à Academia do Peixe Frito, que abriu passagem para os autores e autoras subsequentes dos séculos XX e XXI.

Se hoje, penso eu, os poetas do rap, do hip hop, as manas do slam, o movimento cultural Terra Firme e outros coletivos literários e culturais têm uma ação efetiva e fundamental num sistema de resistência que difundem as vozes da periferia, isto se deve, penso eu, de algum modo, ao trabalho que foi – terra bem adubada – plantado, na primeira metade do século XX, pelos Vândalos do Apocalipse, que depois vieram a ressignificarem-se como os da Academia do Peixe Frito[4].

Figura 2 - Mesorregiões do Pará.



Fonte: Research Gate. Disponível em: [https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Mapa-das-seis-mesorregioes-geograficas-do-Estado-do-Para-Essas-tres-dimensoes\\_fig2\\_307691416](https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Mapa-das-seis-mesorregioes-geograficas-do-Estado-do-Para-Essas-tres-dimensoes_fig2_307691416). Acesso em: 24 maio 2021.

E) DIVERSIDADES E GEOPOÉTICAS: Insisto: não estamos tratando de regionalismo, mas uma representação que evidencia o global a partir do local. A literatura amazônica produzida no Pará se espalha a partir de alguns polos de produção, que dão forma ao cotidiano dos Paráns diversificados. Os ambientes que geram a arte e a cultura, neste estado que é o segundo maior da federação, apresentam particularidades que a literatura acaba por representar. Desta feita, temos uma infinidade de tonalidades literárias que tomam forma na prosa e nos poemas de nossos autores e nossas autoras.

[4] Sugiro o documentário “Geração Peixe Frito”, direção Vânia Torres Costa e Paulo Nunes, postado no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=QWhV5xpegPU>), bem como o dossiê Academia do Peixe Frito da revista eletrônica Asas da Palavra, do PPGCLC Unama, e as publicações de editoras como a Gato Ed, de Belém.

Minha experiência faz-me pensar não em todos, mas naqueles que considero os principais polos de produção literária do Pará. São eles, didaticamente organizados assim: a) Belém e Região Metropolitana, o mais numeroso de todos. Como aqui deixar de falar aqui de Vasco Cavalcante e Antônio Moura, Rosângela Darwich, Daniel da Rocha Leite, Raimundo Sodré, Lilia Chaves, Vânia Alvarez, Ronaldo Franco e Luciana Brandão Carrera? b) Região Bragantina, c) Marabá: Sul e Sudeste do Pará, d) Santarém e Baixo Amazonas; e) Altamira e região do Xingu (Paulo Vieira, Edmir Carvalho de Bezerra), f) O Marajó despontando com a Academia de Letras de Ponta de Pedras, iniciativa de Jonas Furtado e de Marcos Samuel Costa. g) Vigia merece estar entre os polos, pela tradição de sua cultura e literatura, nesta é preciso enfatizar o professor e poeta José Ildone Favacho Soeiro. Ildone, ele somente com os seus Chão D'Água I e II e Romanceiro da Cabanagem já justificam minha escolha. h) Há ainda os que produzem/produziram fora do Pará, como Olga Savary, Paloma Franca Amorim, Caco Ishak, entre outros. Trata-se, volto a insistir, de uma classificação didática e não pode ser considerada de modo ortodoxo e fixo.

Todos estes polos apresentam autores de autenticidade e qualidades inquestionáveis. Se os olharmos como integrantes de uma rede de contatos, como, por sinal deve ser o método do professor da disciplina, eles representarão um todo diverso e singular. Para mim, o polo Marabá é o grande destaque, que nos últimos anos desponta com força inigualável: Augusto Morbach e sua HQ sobre a Cobra Grande, Marcilio Caldas Costa (poeta, designer, cineasta e professor, que embora resida hoje em Belém continua retroalimentando-se de Marabá), Abílio Pacheco (poeta, professor e blogueiro), Eliane Soares (poeta, professora e contadora de histórias), Airton Sousa (poeta, editor e agitador cultural), Francisca Serqueira. Abaixo, uma voz poética de destaque:

“Marabela (Preciosa)”

Marabá  
 Uma terra quase ilha  
 Mesopotâmia tropical  
 No meio dos rios, uma trilha  
 Feita de sangue, suor, lágrimas, mel  
 e sal  
 Babilônia onde reinam os reis da terra  
 Na boca, o progresso e o bem geral  
 Nas mãos, a lei do mais forte e do machado  
 Que um dia dominou o castanhal  
 Uma terra prometida à multidão  
 De homens e mulheres conquistadores  
 Corações em desespero e ousadia  
 Busca de um eldorado e de amores  
 Terra mulher, mãe, esposa, amante, filha  
 Herdeira da Cruz e de Tupã  
 Índia de arasóia e Barbarella  
 Vitória régia e estrela da manhã  
 Filha do temor e do tremor  
 Criança mestiça, renegada,  
 Profecia do oráculo sem fala  
 Onde o demiurgo louco enxergou  
 Uma deusa pagã vingativa,  
 A quem chamou: Marabala.  
 Eu te pergunto:  
 Bela e louca  
 Marabala,  
 Quem te ouve?  
 Quem te cala?

## Doce e frágil

Marabala,  
 Quem te fere?  
 Quem te abala?  
 Triste e só  
 Marabala,  
 Quem te ama?  
 Quem te embala?  
 Será Marabala,  
 Marabela?  
 Quem te sonha?  
 Quem te vela?  
 Eu te batizo:  
 És  
 Marabá  
 Marabela  
 Preciosa  
 Forte  
 Bela.

(SOARES, 2000, s/p. Disponível em: <https://abiliopacheco.com.br/2021/04/05/marabela-poema>. Acesso em: 15 abr. 2021).

Marabá, espaço de intensas migrações da década de 70 para cá, destaca-se com um trabalho extraordinário, que vem ganhando em densidade nos últimos 30 anos. A disseminação da ação no campo da literatura e do livro no Pará, partir de Marabá, mistura de investimento da Secretaria de Estado da Cultura com versão regional da Feira Pan-Amazônica do Livro, biblioteca pública municipal Orlando Lobo, das políticas da Secretaria Municipal de Cultura de Marabá, assomada à ação da Academia de Letras do Sul e Sudeste do Pará e das Universidades que atuam naquela região do estado. Salta aos olhos a atuação cultural de Airton Souza, professor, poeta e agitador cultural que, além de ser o mais premiado poeta paraense da atualidade, é um grande realizador com a publicação dos Anuários da Poesia Paraense, já na sétima versão.

### 3 DA LITERATURA PRODUZIDA NA FAIXA DO EQUADOR; AS FASES

Se nos propusermos a falar da literatura brasileira de expressão amazônica produzida no Pará, organizada em fases, chegaremos, segundo eu entendo em três fases que aqui se estruturam numa ordem histórico-cronológica, que têm a ver com o processo histórico que tem como linha divisória a invasão da Amazônia pelos portugueses e a ocupação da cidade de Belém 1616, quando, após intensa resistência, os portugueses abatem, com arma de fogo, o líder Tupinambá Cabelo de Velha. A ocupação sangrenta, fruto da colonização portuguesa no Norte do Brasil objetivará apagar por completo as marcas nativas da antiga Mairi Tupinambá. Falemos então das três fases:

A) A primeira fase a se ressaltar liga-se à **FORÇA DAS ORALIDADES**. Oralidades, diga-se sem medo de errar, soterradas pela violência colonial do invasor. As ocorrências das vozes míticas, as quais, infelizmente, não podemos mais ter acesso, visto que muitas tribos foram dizimadas pelo colonizador europeu. Tamanha brutalidade tem seu ponto alto quando o Marquês de Pombal, em 1758, proibiu o ensino e o uso do Tupi e do Nheengatu como língua de uso franco e instituiu o a Língua Portuguesa como única língua entre nós. Esta “literatura” tupinambá diluiu-se até desaparecer, através de um intenso apagamento político empreendido pelos conquistadores ibéricos. Caso façamos um exercício de imaginação, constataremos que a “literatura oral” hoje sobreviveria como uma espécie de “rasura cultural” a partir dos textos de autores indígenas[5], dentre os

[5]Embora algo distantes, vale destacar as etnias como a dos Tenhetahara, que habitam a fronteira do Pará com o Maranhão ou ainda os Tembé que habitam a região de Ourém, no Nordeste do Pará. Esses indígenas tem ainda preservado algum diálogo com o seu entorno, o que por vezes faz com que suas culturas sejam estudadas por pesquisadores de nossas IES. Se nos deslocarmos para direção do Sul/Sudeste e do Xingu, esta diversidade de etnias é ainda muito maior.

quais, na ausência Tupinambá, cito Márcia Kambeba e Daniel Munduruku, por exemplo, que, cada um em seu estilo, propõe-se a preservar a tradição sem esquecer de inserirem-se no sistema da literatura do Pará contemporâneo. A seguir um poema de uma autora Kambeba, que vive entre o Amazonas e o Pará, com residência fixa em Castanhal:

“Prece A Senerú, Nhanderú”

Não permita Nhanderú que percamos a esperança de viver.  
De flecha e arcos estamos tentando a terra proteger.

O trator do preconceito me empurra para o fim,  
Mas a força de minha resistência já ensinei para meu curumim  
Um dia quando eu cair, ele irá fazer por mim.

Não permita Senerú que eu venha ver o sangue do meu filho correr.  
Sangue de criança inocente que na aldeia se orgulha de viver.

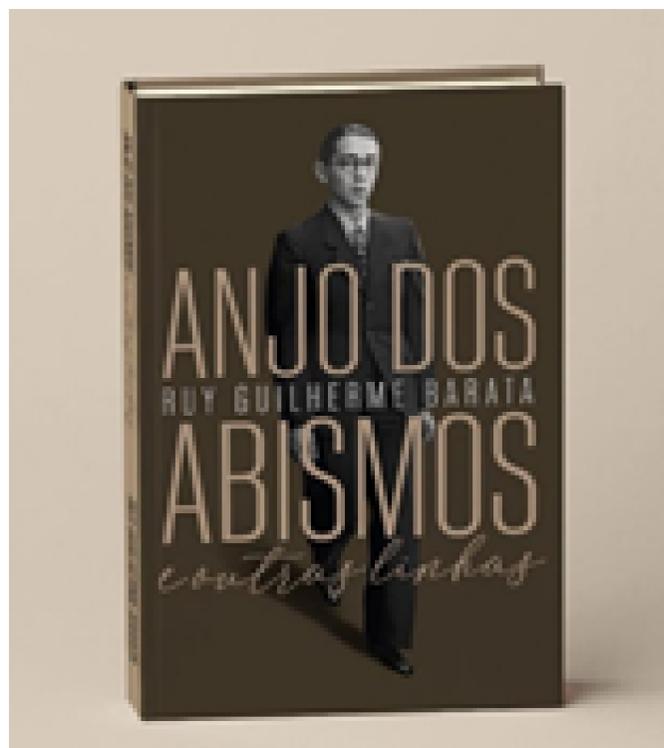
Nos livre da bala que mata, do gás que os olhos fazem arder.  
Nos livre da ambição do progresso,  
desse trator que amassa e faz morrer.

Hoje temos que deixar de viver em terras que sempre foram nossas.  
Esse tempo está muito difícil!

Nos deixem respirar,  
Nos deixem dançar,  
Nos deixem viver  
Das minhas mãos eu preciso,  
Para no ritual sacudir meu maracá,  
Mas ela foi cortada na luta pra nos salvar.  
Acharam que sem ela minha luta ia parar...  
Demarcação Já!

(KAMBEBA, 2021, s/p. Disponível em: <https://m.facebook.com/profile.php?id=100000634673773>, publicado em 02/05/2017. Acesso em: 14 maio 2021).

Figura 3 - Ruy Barata: escritor-paradigma do Pará.



Fonte: O Liberal. Disponível em:  
<https://www.oliberal.com/cultura/anjos-dos-abismos-livro-de-poesia-de-ruy-barata-de-1943-tem-nova-publicacao-1.400499>.  
Acesso em: 7 maio 2021.

B) A SEGUNDA FASE ESTARIA LIGADA **À PASSAGEM DA VOZ À LETRA**, o que poderia, se textos comprobatórios existissem, ser identificado com a ideia de uma oratura: quando o texto escrito é fartamente influenciado pela oralidade. Como, entretanto, não dispomos de registros literários desta “passagem”, pode-se falar aqui de um desejo devaneante. No entanto, as leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 10.639/2003 e 11.645/2011, devem encorajar as pesquisas nesta área porque a difusão da literatura passa necessariamente pela escola, embora não se limite a ela.

C) A TERCEIRA FASE **ACONTECE A PARTIR DO SÉCULO XIX**: após o soterramento das vozes oral-míticas de nossa literatura, temos no séc. XIX a força expressiva de autores, que, embora alinhados ao cientificismo, criaram um estilo próprio e sedimentaram a literatura moderna da Amazônia paraense: destaque para Juvenal Tavares, Marques de Carvalho e Inglês de Sousa. Aqui destaca-se a preocupação com a tematização de negros das diásporas africanas, Sobretudo na literatura em Serões da Mãe Preta, de Juvenal Tavares, que escreveu e publicou em pleno Romantismo.

D) A QUARTA FASE: É A **DAS MODERNIDADES E DOS MODERNISMOS**: Antes de tudo, é preciso falar que “modernidade” é significante plurissignificativo, há várias modernidades, aqui a que nos cabe é o sentido baudelairiano de vivência urbana das multidões, das tecnologias da luz elétrica e da vigência do cinema. Assim é preciso também refletir sobre a palavra Modernismo, pois foram tantos e tão cheios de nuances os movimentos pelo Brasil afora que tratar Modernismo no singular é quase uma afronta. Uma ideia que percebi desde encontro ocorrido na Universidade de Brasília, a UNB, durante as comemorações dos 500 anos do Brasil está ligada ao fato de que Belém, um centro cultural estratégico, entra no cenário nacional como uma das capitais de referência de um certo Modernismo nacional. O que ocorreu foi que, paralelo ao que os nativos estavam criando e discutindo, há uma “descoberta” de Belém como espaço de inovações modernizantes. Raul Bopp pode ter iniciado este processo, quando fixo morada na capital do Pará, nos anos 20 do século XX. A ele se juntaram, de modo diverso, Manuel Bandeira e Mário de Andrade, peças-chave neste reconhecimento de Belém como referência para a renovação das letras brasileiras. Ruy Barata, meu professor no curso de Letras da UFPA, levantava a hipótese de que a visita de Mário de Andrade iniciara o Modernismo no Pará, ideia de que discordo. Abaixo vemos um exemplo de um poema publicado em 1924, “Filmando”, de Bruno de Menezes, no qual a modernidade faz morada quando destaca a sétima arte:

“Filmando”

Ó figurinha de cinema!  
Passaste,  
em ondas de "organdy",  
esvoaçante e serpentina.  
Os braços nus, em gestos de haste,  
a boca rubra e tão pequena  
que nunca vi  
mais pequenina.

Meu jarro ideal de Becerril...

E o teu olhar...  
Ó minha "girl", loura e risonha!  
Queres um rei? Sou Boabdil!...  
Dou-te um riquíssimo alcaçar,  
dou-te a Avenida do Bolonha!

(MENEZES, 1996, p. 83)

A reiterada busca das raízes da identidade nacional que, segundo alguns modernistas como Raul Bopp, estavam ligadas à Amazônia. Bopp afirma em uma crônica da década de 20, que sem ouvir as vozes dos rios e da floresta não seria possível renovar as artes literárias do Brasil. Como é necessário destacar, ao lado dos que vieram em busca das fontes “primevas” de cultura renovadora, nossos intelectuais geravam seus próprios princípios e agiam de acordo com uma renovação quase que inteiramente independente dos de São Paulo ou Rio de Janeiro. A Academia do Peixe Frito, talvez o melhor exemplo do que estamos a afirmar, traz para a cena cultural o protagonismo dos pretos, cabocos e migrantes que habitavam as periferias da cidade.

Junto a este contingente de escritores liderados por Bruno de Menezes, surge, com força expressiva respeitável, uma escritora de origem burguesa que aponta o que viria a ser a insurreição feminina dos séculos XX e XXI: Eneida. Com seu trabalho de poeta, cronista e jornalista, Eneida é decisiva para dar visibilidade à literatura produzida pelas mulheres. Com Eneida, inclusive pela representação de algumas personagens antológicas como a Mulata Sabá, as figuras femininas começam a sair da invisibilidade. Eneida desponta fazendo quase uma revolução própria, visto que ela é primeira voz expressiva do gênero feminino na literatura produzida no Pará. Depois a acompanham Sultana Levy, Adalcinda Camarão, Dulcineia Paraense, Lindanor Celina, Maria Lúcia Medeiros, Marília Menezes, a poeta e freira. A seguir, temos a expressão de celebração ancestral de Roberta Tavares:

Quando elas tocam  
As janelas se abrem  
Sozinhas vão vê-las  
De perto dançar

Quando elas tocam  
Os santos despertam  
As nossas linhagens  
Num só balançar

E fica num gira  
Um gira girando  
Chamando na roda  
Pra mode girar

(TAVARES, 2019, p. 8).

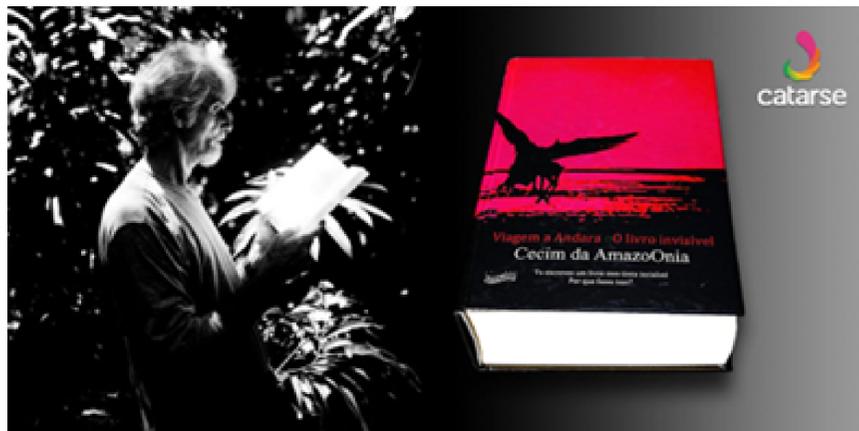
O século XX, anos de 1980, marcou, de forma muito entusiasmante, a ação do coletivo Fundo de Gaveta, liderado pelo poeta e agitador de cultura Vasco Cavalcante, criador da página [www.culturapara.art.br](http://www.culturapara.art.br), um dos principais poetas contemporâneos do Pará, de obra pequena, mas consistente. O Fundo publicou envelopes poéticos, desvelando textos de autores e autoras, então, pouco conhecidos. Alguns permaneceram na literatura, outros migraram para as artes plásticas e a música popular. Os integrantes permanentes do Fundo (mais um “clube do Bolinha” de nossa literatura?), eram: além de Vasco, Jorge Eiró, Celso Eluan, Zé Menino, Yrú Bezerra. A proposta era alternativa à publicação tradicional em livro, daí a edição de 3 envelopes poéticos e algumas performances-palestras em eventos literários da cidade.

## E) A MATURIDADE NO CONTEMPORÂNEO:

*O grito começa  
quando calam todas as palavras.  
munch pintou o mundo-surdo,  
um grito com escuro escudo.  
aquele instante em que nasce  
a flor do absurdo  
no canteiro cego do mundo (COSTA, 2012, p. 17)*

A retomada dos atravessamentos de autores que usam as raízes míticas e promovem um salto de diversidades etnicoculturais. Aqui destaco a literatura, de fundo memorialístico e linguagem cortante do jornalismo policial de Edyr Augusto Proença. Salomão Laredo (que promove junto com Edyr, a editora Empíreo e a Fox livraria-café a excelente FLiPa, feira do livro que faz de Belém um centro ao mesmo tempo aconchegante e agitado durante 3 dias). Laredo é muito produtivo, um dos campeões de leitura nas escolas de Belém e de Cametá, sua terra natal; autor do excelente **Senhora das Águas**, um poema raiteque em homenagem à mãe de Jesus, e do polêmico Olho de Boto: em que o mito e o contemporâneo andam juntos. Ressalte-se também o poeta-designer Flávio NASSAR, que em 2019, lançou pela 7 Letras, a impactante coletânea de poemas **Corpo Opaco**. Vicente Franz Cecim, que tem suas raízes em Santarém (sua mãe também uma interessante contista Yara Cecim, autora de **Taú-Taú e outros contos**, editado nos anos 90 pela Cejup Cultural) virou um clássico entre os autores que produzem no Pará. Seu novo livro, Viagem a Andara, o livro invisível: obra reunida, veio para ficar, editado pela Paka-Tatu/Fórum Landi, e um dos lançamentos mais importantes de 2020.

Figura 4 - Viagem a Andara, o livro invisível de Vicente Franz Cecim.



Fonte: Blogspot. Disponível em: [https://1.bp.blogspot.com/-gF3CBPsfF3k/X6g9b5ku0bl/AAAAAAAAAmU/yUfE4GSVpDkOINxf\\_Ju6-BNicRds\\_9oegCLcBGAsYHQ/s718/VFC1.png](https://1.bp.blogspot.com/-gF3CBPsfF3k/X6g9b5ku0bl/AAAAAAAAAmU/yUfE4GSVpDkOINxf_Ju6-BNicRds_9oegCLcBGAsYHQ/s718/VFC1.png). Acesso em: 13 maio 2021.

Chama minha atenção, de modo especial, neste sec. XXI. Trata-se da emergência das escritoras, sem desmerecer o que os moços estão produzindo, elas vêm com uma força inigualável, desejo forte de enfrentar o patriarcado, é como se toda a misoginia de nossa literatura fosse derramada com uma literatura de singularidades fêmeas. Ressalto Isadora Salazar, Bianca Levy, Giselle Ribeiro (criadora da personagem “antimachismo”, a Dina), Nathália Cruz (**Madalenas** é um livro-manifesto tão saboroso quanto necessário), entre outras.

Figura 5 - Página de Giselle Ribeiro no Facebook, militância e poesia nas plataformas virtuais.



Fonte: Facebook. Disponível em: <https://m.facebook.com/profile.php?id=100004342778699>. Acesso em: 7 maio 2021.

Poder-se-ia tratar aqui de minha classificação de escritores-paradigma, homens e mulheres que marcam nossa vida literária nos séculos XX e XXI. Isto, no entanto, é assunto vasto e complexo, e me resguardo e pretendo fazê-lo em um próximo texto, uma futura ensaio-conversa sobre a literatura brasileira de expressão amazônica, *made in* Pará. Para finalizar esta reflexão, retorno a Antonio Candido, que afirma:

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscria; a que os poderes sugerem e a que nasce de movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CANDIDO, 2011, p. 177-8).

A literatura é, então, um complexo que afirmações e negações, escolhas que excluíram, por algum motivo, autores e autoras proscrias. Uma coisa é certa, ou melhor, duas: a) a literatura nos faz resistir ao capitalismo neoliberal consumista que nos esvazia a humanidade; b) houve um rapto da Amazônia na literatura brasileira, salvo raríssimos casos. Este rapto, efetivamente, empobrece o Brasil, e não creio que estou a incorrer em bairrismo, trata-se de representar parte significativa do Brasil, que não é conhecido por parte expressiva dos brasileiros. É urgente reverter o silenciamento de nossos autores e autoras, para o bem da diversidade cultural e ampliação do campo de representação estético-literário do Brasil.

## REFERÊNCIAS

BARATA, Ruy. **Sobre a nova edição de Anjo dos Abismos**. O Liberal. Disponível em: <https://www.oliberal.com/cultura/anjos-dos-abismos-livro-de-poesia-de-ruy-barata-de-1943-tem-nova-publicacao->. Acesso em: 7 maio 2021.

CANDIDO, Antonio. “O direito à literatura”. In: **Vários Escritos**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2011.

CANDIDO, Antonio. **Parceiros do Rio Bonito**. 2 ed. Rio de Janeiro: Ouro Azul, 2017.

CORRÊA, Paulo Maués. Disponível em: <http://www.pakatatu.com.br>. Acesso em: 12 maio 2021.

COSTA, Marcílio Caldas. **Depois da Sede**. Belém: Fundação Cultural do Pará (Prêmio Dalcídio Jurandir de Literatura), 2012.

CUNHA, Telma. **Sob os Lençóis de Eros**. Belém: Cromos Editora, 2016.

KAMBEBA, Márcia Wayna. **Prece a Senderú, Nhanderú**. Disponível em: <https://m.facebook.com/profile.php?id>. Acesso em: 14 maio 2021.

NUNES, Paulo; SOUSA, Máira Evangelista de. Uma Voz Feminina No Contemporâneo: Quando A Poeta Se Apropria Do Facebook. **Asas da Palavra**, v. 17, n. 1, 2020.

MENEZES, Bruno de. **Obras completas**. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, vol. 1, 1993.

MONTEIRO, Benedicto. **A Terceira Margem**. São Paulo: 1991.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da Literatura no Século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

SOARES, Eliane. **Marabá**. Disponível em: <https://abiliopacheco.com.br/2021/04/05/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

SOUZA, Airton. **O Fazedor de Borboletas**. Belém: Folheando, 2018.

SOUZA, Roseli. **Lâminas nos Olhos**. Belém: Cronos, 2017.

TAVARES, Roberta. **Mulheres de Fogo**. Belém: Coletivo Oxente, 2019.

REVISTA MALLAMARGENS. **Blogspot**. Disponível em: <https://1.bp.blogspot.com>. Acesso em: 13 maio 2021.

RIBEIRO, Giselle. Disponível em: <https://m.facebook.com/profile.php?>. Acesso em: 14 maio 2021.

**Artigo recebido em: 18 maio 2021. | Artigo aprovado em: 05 jun. 2021.**